

Sylvain Levy

1861 A33 76

O desestímulo à saúde no DF

saúde

Os órgãos de saúde do DF estão gravemente enfermos. Não é possível oferecer à população de Brasília nenhum serviço de qualidade quando não se dá aos responsáveis pela prestação desses serviços — médicos, enfermeiros, técnicos e atendentes — perspectivas de trabalho, condições razoáveis para desempenhá-lo e remuneração condigna. Nenhum desses três mecanismos de estímulo existe na FHDF neste momento.

As perspectivas da Fundação são inexistentes. Perdida entre os interesses assistenciais-curativos e a necessidade de exercitar a medicina preventiva, não consegue realizar a contento nenhuma das duas. O contrato com o Inamps, para desenvolver as AIS — Ações Integradas de Saúde — termina sendo lesivo à FHDF pois o que a Previdência paga representa apenas 12% do orçamento da Fundação e 1/6 das despesas com os segurados. Em outras modalidades de contratos assinados o Inamps remunera os hospitais de forma muito mais benévolente.

Se fossem hospitais universitários, ou seja, do Ministério da Educação, os estabelecimentos da FHDF receberiam 300% a mais. E se fosse uma instituição privada filantrópica e não uma entidade governamental, a Fundação receberia 500% a mais, num evidente desfavorecimento do governo perante a iniciativa privada.

Se não existem perspectivas de trabalho, muito menos condições para realizá-lo; hospitais com andares inteiros fechados, falta de material, baratas em profusão; infecções hospitalares e nenhum programa sério e com apoio para diminuir-las; aparelhagem danificada e desinteresse em consertá-la, isto faz com que existam vagas em todas as carreiras da Fundação, principalmente aquelas para radiologistas e anestesistas, e também que sejam chamados profissionais aprovados em concursos com notas inferiores a 5, o que significa também queda da qualidade do serviço.

Do ponto de vista salarial o desastre não é nem relativo. É absoluto. Um técnico de nível médio ganha de Cz\$ 1.954 (nível 18) a Cz\$ 5.099,00 (nível 40), menos portanto que um motorista de ônibus, que com o recente aumento passou a ganhar Cz\$ 5.300,00. Cabe esclarecer que ai estão enquadrados os técnicos de enfermagem, de laboratório e de radiologia. Devemos deixar bem claro que não são os motoristas que ganham muito, mas sim os funcionários da Fundação que ganham pouquíssimo. Com os profissionais de nível superior acontece o mesmo. Seus salários variam de Cz\$ 5.215,00 a Cz\$ 11.696,00, sendo este último um nível atingido apenas pelos médicos, que iniciam com Cz\$ 5.884,00, após seis anos de estudos universitários e ao menos mais dois de residência ou especialização.

Com estes salários, a falta de perspectivas e as condições de trabalho tão deficientes não é de se espantar que o número de funcionários que deixam a Fundação tenham aumentado em 35% de 1985 para 1986, quando, até novembro, 554 pessoas procuraram outro local para trabalhar. Em dois anos mais de 170 médicos abandonaram a FGDF, sendo que esta evasão tem se acentuado a partir de setembro do ano passado.

Estes feitos evidenciam que não será reformando um andar do Pronto-Socorro do Hospital de Base que a população verá solucionados seus problemas de saúde. Deixam no ar, ainda, questões como esta: a quem favorece desacreditar os serviços governamentais de saúde, sobretudo não oferecendo aos profissionais condições de trabalho para cumprir suas funções, como responsável pelo atendimento de 85% dos habitantes de Brasília e Entorno?

Nestas linhas não abordamos assuntos que demonstram a imensa desigualdade de vida das pessoas no DF, reveladas através de suas estatísticas sanitárias. A mortalidade infantil no Paranoá é 3 vezes superior à do Plano Piloto. A mortalidade proporcional de menores de um ano está ao redor de 30% e a mortalidade perinatal, ou seja, de crianças que morrem antes de completar sete dias de vida, é das mais altas do país, já tendo alcançado em anos recentes a alarmante taxa de 14% do total dos óbitos de todas as idades.

Tudo isto só nos faz ver com mais clareza a necessidade urgente de serem realizadas mudanças estruturais no sistema de saúde do DF, mudanças estas de tal monta que caracterizem mais que uma reforma, e sim uma autêntica revolução sanitária.

Sylvain Levy é médico-sanitarista
